
A construção de sentidos e imaginários a partir dos pronunciamentos de Jair Bolsonaro sobre a Covid-19¹

Martina Belotto MICHAELSEN²
Ana Paula da ROSA³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre os sentidos a partir dos discursos do presidente Jair Bolsonaro a respeito da pandemia causada pela Covid-19. A partir de publicações de atores sociais no *Twitter*, esta pesquisa observa a circulação e o acionamento de imaginários coletivos, que derivam dos pronunciamentos do presidente, gerando circuitos e valorizações nas redes sociais digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário; Circulação, Sentidos.

1 INTRODUÇÃO

Os posicionamentos do presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, envolvem inúmeras polêmicas. Cada pronunciamento do presidente gera grandes repercussões. A amplitude não se dá somente por Bolsonaro ocupar o maior cargo da República, mas também por seus discursos controversos e, por vezes, de tom autoritário.

Em relação à pandemia causada pela Covid-19, os pronunciamentos de Bolsonaro também demonstram traços autoritários, que são repercutidos pelos atores sociais em redes digitais. É possível observar que a partir da inserção desses discursos em espaços midiáticos diversos, emergem na circulação diferentes sentidos a respeito de Bolsonaro.

Muitos desses sentidos, fruto de apropriações sociais, são elaborados para descrever os posicionamentos de Bolsonaro e resultam das múltiplas defasagens que caracterizam a circulação midiática e social. Nota-se que as experimentações dos atores

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e-mail: belottomartina@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professor do Programa do Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e-mail: anaros@unisinis.br.

sociais convocam imaginários coletivos sobre os regimes totalitários. Portanto, a proposta deste artigo é observar a circulação dos discursos de Jair Bolsonaro a partir de postagens de atores sociais e analisar como, com base nesses pronunciamentos, circuitos interacionais foram produzidos e que sentidos emergiram.

Os materiais para análise deste artigo foram extraídos da rede social Twitter, que nos permite encontrar conteúdos formados por imagens e textos. Desta forma, nosso recorte foi elaborado a partir de uma busca feita por hashtags, entendendo tanto seu caráter indexador como de articulador de sentidos. Esta pesquisa foi feita considerando as hashtags como filtros de pesquisa na plataforma. Foram escolhidas as seguintes indexadoras: #covid-19, #coronavírus, #bolsonaro, #nazismo, #fascismo, #autoritarismo. A partir disso, salvamos conteúdos diversos, priorizando os que tiveram maior engajamento (maior quantidade de curtidas, comentários e compartilhamentos).

O critério de escolha para as hashtags buscou contemplar as relações e apropriações feitas pelos atores sociais referentes aos discursos de Bolsonaro sobre a Covid-19 que também estiveram presentes em espaços jornalísticos ou de instituições sociais. Isto é, nosso esforço para este trabalho é o de observar as elaborações dos atores sociais a partir de suas apropriações dos discursos do presidente, porém estamos cientes de que em outros trabalhos futuros o circuito como um todo tem potencial de ser mapeado, pois permitirá a observação dos fluxos desde o teor do pronunciamento até sua apropriação social.

Para observar os diferentes materiais coletados é importante levar em consideração aspectos de uma sociedade midiaticizada, na qual a circulação é central. Não apenas como a ideia daquilo que repercute e circula enquanto produto (conteúdos e mensagens), mas a circulação como um processo contínuo de produção de novos significados em razão da apropriação feita pelos usuários das mídias sociais e dos atores que ascendem ao espaço discursivo. Assim, antes de irmos para a empiria é importante nos debruçarmos sobre teorias relacionadas à midiaticização, circulação, imaginários e produção de sentidos para, então, produzirmos inferências.

2 CIRCULAÇÃO, IMAGEM E DISCURSO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Partindo do entendimento de que a midiatização implica em diversos impactos na organização social, as relações tornam-se mais complexas - permeadas por fluxos e circuitos diversos. Os tradicionais papéis de produção e recepção se alteram, dando espaço a uma autonomia dos sujeitos, que se tornam protagonistas na produção de sentidos.

Podemos afirmar então que o receptor tornou-se ativo não somente usufruindo das tecnologias disponíveis enquanto ferramentas, mas também as utilizando como dispositivos capazes de mediar suas relações no dia a dia. Ao produzir conteúdo e criar desdobramentos de modo inventivo, as interações dos atores sociais permitem que circuitos se estabeleçam e que se construam sentidos.

Na concepção de Rosa (2016), a circulação é justamente uma forma de atribuição de valor e circuitos. “A circulação não é um lugar, uma vez que não há formas de retenção, nem um espaço físico ou fechado para circular objetos. A circulação consiste exatamente na disputa, no embate pela produção de sentido que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos” (ROSA, 2017, p.3).

Fausto Neto (2010) também afirma que a construção de sentidos se dá justamente por meio da circulação. “A atividade de produção de sentido realiza-se no âmbito de complexas zonas de enunciação - ou por elas responsáveis - como é o caso da circulação - sugerindo expectativas previsionais acerca do ato de trocar” (FAUSTO NETO, 2010, p. 9).

Neste processo de circulação de falas, de imagens e de conteúdos, são convocados elementos do imaginário coletivo, tais como construções simbólicas que remetem a imagens e textos anteriores que são reatualizados. Vilém Flusser interpreta a essência de uma imagem como uma mensagem. “Uma imagem é, entre outras coisas, uma mensagem: ela tem um emissor e procura por um receptor” (FLUSSER, 2007, p. 152). Ou seja, os conteúdos são carregados de marcas e valores, que circulam em busca de novos receptores para que os interpretem e os insiram novamente nos fluxos. Ao longo desse processo, são reiterados significados ou até mesmo construídos novos.

O autor também traz outro aspecto importante para a compreensão do objeto desta pesquisa, que é de entender a permanência e as transformações de sentidos tendo as imagens no ambiente digital como foco. Flusser afirma que o conceito do que é uma

imagem e do que ela representa ganha um novo significado a partir do rompimento com as imagens tradicionais. “Superfície incorpórea, trabalho de muitos, em que poderiam ser projetados significados” (FLUSSER, 2007, p. 149). Aqui, podemos entender que as imagens em circulação passam por diversas interpretações de atores sociais variados. Eles, por sua vez, se apropriam dessas imagens para produzir novos sentidos.

O processo de produção de sentidos também é atravessado pela questão do imaginário coletivo, que é compreendido por Flusser como um espaço interior onde são criadas e armazenadas as imagens. Esse espaço implica também na subjetividade dos sujeitos. “... imaginação é a singular capacidade de distanciamento do mundo dos objetos e de recuo para a subjetividade própria, é a capacidade de se tornar sujeito de um mundo objetivo” (FLUSSER, 2007, p. 161).

Neste fluxo, Mircea Eliade aponta que as imagens presentes no imaginário envolvem as particularidades de cada pessoa, mas ao mesmo tempo também possuem referências comuns. “Ter imaginação é gozar de uma riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo de imagens. Mas espontaneidade não significa invenção arbitrária” (ELIADE, 1979, p. 20).

Desta forma, o exercício de descrever e de traduzir imagens para o concreto é complexo, porque é um processo permeado de alusões e contextos individuais. “As imagens englobam, sem dúvida, todas as alusões ao concreto trazidas à luz por Freud, mas o real que elas procuram significar não se deixa esgotar por tais referências ao concreto” (ELIADE, 1979, p. 15). Por outro lado, Eliade nos sugere que o imaginário acaba invariavelmente revelando aspectos universais da realidade. “As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiqué; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser” (ELIADE, 1979, p. 13).

Ao lado das imagens, caminham os discursos, que também são responsáveis pelo processo de produção de sentidos. Ou seja, embora independentes e de naturezas diferentes, imagens e textos se contatam. De imagens surgem textos, textos evocam imagens e neste jogo busca-se compreender pistas deste inapreensível. Assim, nesta tentativa, é importante observar as marcas deixadas a partir da construção dos discursos, em seus rastros. O discurso, vale salientar que o compreendemos a partir da concepção de Michel Foucault (1996), sendo uma produção de sentidos entre os locutores

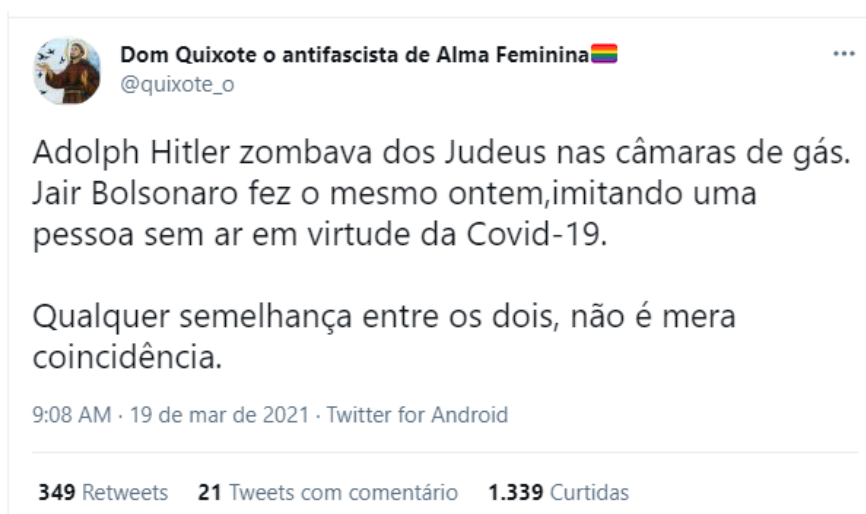
envolvidos e não somente o sinônimo de fala ou conversa. Desta forma, é possível apontar também que nem todas as zonas dos discursos são passíveis de observação e compreensão absoluta, porque assim como as imagens, também são perpassados por subjetividades e inferências individuais.

Ainda assim, a análise da dimensão discursiva se torna fundamental por se tratar de um elemento que permite inúmeras replicações e reconstruções. Aqui, Foucault explica que um dos papéis do discurso é a sua possibilidade de gerar novos discursos e de representar um poder àqueles que o detém. “...seu estatuto de discurso sempre reutilizável, o sentido múltiplo ou oculto de que passa por ser detentor, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos, tudo isso funda uma possibilidade aberta de falar” (FOUCAULT, 1996, p. 25).

3 DA TEORIA À EMPÍRIA

A partir destas primeiras aproximações teóricas, partimos para a observação dos conteúdos extraídos da rede social *Twitter*. Foram selecionados, ao todo, quatro *tweets* para análise, a partir dos filtros de busca estabelecidos anteriormente. Entre os conteúdos selecionados, estão publicações feitas somente com textos, com textos e imagens e com textos e ilustrações.

A primeira postagem selecionada (Figura 1) não acompanha ilustrações ou fotografias anexadas. Trata-se de apenas uma publicação textual de poucas linhas. É importante destacar aqui que a rede social *Twitter* também possui um limite máximo de caracteres por postagem, o que torna os conteúdos escritos mais curtos. Portanto, neste primeiro caso a ser analisado, podemos perceber que o ator social utiliza do pouco espaço que tem para acionar uma mensagem dotada de força.

Figura 1 – *Tweet* sobre Bolsonaro e nazismo

Fonte: Twitter (2021)

Mesmo sem anexar imagens materiais (como fotos e ilustrações), o sujeito é capaz de trazer imaginários presentes no coletivo. Por meio da descrição, ele retrata a angústia e o sofrimento de muitos brasileiros infectados pela Covid-19. Com a estratégia do discurso, o ator social não precisa replicar um vídeo com a performance de Jair Bolsonaro. Apenas lendo a descrição feita na publicação, é possível compor uma imagem de sofrimento.

Mas a fala da postagem carrega outras marcas que vão além do pronunciamento de Bolsonaro. O ator social é certeiro ao fazer comparações entre Bolsonaro e regimes autoritários. Não se trata necessariamente de uma fala autoritária que gera essa comparação, mas sim de uma série de elementos que envolvem a dor e o sofrimento da população, como o próprio ato de agonizar por falta de ar.

A comparação tem sucesso porque é dotada de marcas presentes no nosso imaginário coletivo. Afinal de contas, quando se fala de regimes autoritários, as memórias primitivas que emergem são aquelas de quando aprendemos sobre nazismo nas aulas de história ou aquelas que se consolidaram midiaticamente, nos livros e na própria cultura como um exemplo de postura a ser combatida. São elas que permanecem em um imaginário, aguardando para serem acionadas.

Aqui, aproveito para acionar Eliade (1979), que entende que símbolos não são apenas criações aleatórias da mente, mas que colocam em evidência os modos de ser

mais profundos do ser humano. “Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois o poder missão das imagens consiste em mostrar tudo o que permanece refratário ao conceito” (ELIADE, 1979, p. 20-21). Ou seja, o resgate de imagens e símbolos nos relaciona diretamente com memórias profundas, mas repletas de significados.

Levando em consideração que os símbolos exigem a participação do imaginário e de subjetividades para serem interpretados, o ser humano deixa de estar em um mundo apenas físico e passa a estar também em um universo simbólico. Este universo é composto por diversos elementos que carregamos ao longo da vida, como os próprios símbolos do autoritarismo.

Figura 2 – *Tweet* sobre Bolsonaro e Hitler



Fonte: Twitter (2021)

Na Figura 2 e na Figura 3, temos mais uma postagem que trabalha com elementos do imaginário coletivo para relacionar a figura de Bolsonaro com o

autoritarismo, mais especificamente com o regime nazista. Aqui, são trazidos atributos característicos de Adolf Hitler para criar a comparação entre ambos.

Figura 3 – Ilustração extraída de *tweet* sobre Bolsonaro e Hitler



Fonte: Twitter (2021)

É interessante observar que os atributos acionados vão além de semelhanças físicas, como o cabelo para o lado ou a mão erguida em saudação. Por mais que essas características sejam interessantes para criar uma identificação, a comparação atinge diretamente a personalidade e as atitudes autoritárias de Bolsonaro, presentes nos seus próprios pronunciamentos. Por exemplo, a ilustração compara diretamente uma fala de Hitler, indicando às vítimas de seu regime que se dirigissem às câmaras de gás com falsas promessas de que iriam ao banho. Ao mesmo tempo, a charge traz o mesmo tom para o discurso de Jair Bolsonaro, que conduz a população brasileira em direção ao contágio da Covid-19 ao reduzir a pandemia a uma “gripezinha”. Destaca-se a presença das cores da bandeira (verde e amarelo) nas vestes dos cidadãos. O elemento dialoga tanto com a apropriação do símbolo nacional pelo presidente, como com as marcas do patriotismo.

Desta forma, é possível identificar que os elementos simbólicos que produzem a relação entre Bolsonaro e Hitler estão presentes também nos discursos. O regime de Adolf Hitler defendia o nacionalismo, o militarismo e o autoritarismo. Esses mesmos

ideias também são enaltecidos pelo presidente do Brasil, que teve carreira militar no passado e conta com um general da reserva como seu vice.

Essa associação direta pode ser explicada pelo pensamento de Cassirer (1994), que ressalta a amplitude universal dos símbolos. Assim, determinadas mensagens podem ser compreendidas por muitas pessoas, mesmo que fora de seu contexto original, desde que elas já tenham tido algum contato com essa mensagem anteriormente.

Por outro lado, é válido comentar que os símbolos e códigos imagéticos possuem subjetividades, ou seja, podem ser compreendidos diferentemente por cada pessoa. Por mais que muitas imagens e símbolos sejam constantemente replicados e, conseqüentemente, fixados, a interpretação individual ainda passa por diferenciações.

Como aponta Ana Paula da Rosa, “as imagens podem ser as mesmas, o que reforça imaginários e símbolos, mas a produção discursiva é polissêmica” (ROSA, 2016, p. 11). Isso significa, nas próprias palavras de Rosa, que “a diversidade individual não significa, necessariamente, a diversidade de imagens, mas de sentidos produzidos sobre. (ROSA, 2016, p. 12).

Um exemplo disso é uma das ilustrações presentes na terceira postagem (Figura 4) que selecionamos para análise. Em um primeiro movimento de observação, é possível notar a presença de uma imagem comum, de um general saudando outro militar. Neste primeiro reflexo, não há nada novo. Porém, partindo para um novo olhar, identificamos que esta ilustração foi trabalhada a partir de novas significações.

Figura 4 – *Tweet* sobre Bolsonaro e genocídio



Fonte: Twitter (2021)

Em estilo de charge, a ilustração coloca um dos militares com as vestes do coronavírus, indicando que os botões do uniforme são os próprios vírus da Covid-19. O outro militar, por sua vez, carrega os traços físicos de Jair Bolsonaro, além de estar empossado com uma faixa nas cores da bandeira do Brasil. A figura de Bolsonaro saúda o “militar Covid-19” como se este fosse um superior.

Desta forma, podemos perceber que uma imagem tradicional de dois militares se saudando ganha novos significados com a apropriação feita pelo ator social. Ao colocar Jair Bolsonaro na situação da charge, o sujeito tira a legitimidade do presidente e o acusa diretamente pelo seu posicionamento de enfrentamento à pandemia.

Nesta mesma publicação, ainda podemos observar a ilustração da parte inferior, que aciona imaginários ligados à morte e ao governo do Brasil. Os tons escuros utilizados na ilustração corroboram para se criar uma imagem da morte. Aqui, ela é ilustrada com símbolos clássicos de filmes de terror, com a presença de uma capa e de um capuz.

O uso de símbolos tradicionais facilita a interpretação dos conteúdos. Como afirma Flusser, não basta somente a imaginação para produzir imagens. “Aquilo que é visto (o fato, a circunstância) deve ser fixado e se tornar acessível para outros. Deve ser codificado em símbolos, e esse código deve ser alimentado em uma memória” (FLUSSER, 2007, p. 162).

Neste caso, a morte referenciada é o próprio Jair Bolsonaro. Isso fica visível não somente pelo fato de que seu rosto está presente na face do que seria a morte, mas também pelos dizeres do *outdoor* que está na ilustração. O cartaz afirma que a morte não pode mais governar o Brasil, indicando a urgência de que Bolsonaro deixe o cargo de presidente. Aqui, é possível notar que o ator social busca combater o discurso autoritário de Bolsonaro com um tom também impositivo e não dialógico.

As marcas do discurso utilizado no *outdoor* nos permitem trazer a perspectiva de Michel Foucault de que todo o discurso é dotado de poder e está sempre em disputa. “...o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Este exemplo demonstra o poder dos sujeitos ao se apoderar sobre os seus próprios discursos, o poder de enunciar sobre algo ou alguém, e sobre como esse apoderamento produz marcas e sentidos capazes de construir e consolidar imagens.

Ao expor a indignação e o desejo de que Bolsonaro deixe o cargo, o ator social se apropria do seu próprio poder de discurso, produzindo sentidos a respeito do presidente e colocando conteúdos em circulação. Outro exemplo em que podemos perceber disputas de poder discursivo é a última postagem que selecionamos do *Twitter*.

Figura 5 – *Tweet* sobre Bolsonaro e eleições



Fonte: Twitter (2021)

Na ocasião da publicação, o Brasil havia atingido a marca de mais de um milhão de mortos por conta da Covid-19. No *tweet*, o ator social responsabiliza Jair Bolsonaro pelas mortes geradas em função da pandemia, o acusando como genocida e fascista. Além disso, o sujeito utiliza a postagem para convocar outros atores em rede a se manifestarem contra o presidente, realizando um panelaço.

Com esse *tweet*, podemos notar que há várias instâncias de poder envolvidas, incluindo o ato de protestar e também o de convocar outros sujeitos a engajarem na causa. Foucault explica que o discurso também pode ser visto como um jogo. “... um jogo de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogos senão os signos”, (FOUCAULT, 1996, p. 49). Ou seja, o ator social em rede demonstra sua indignação, que acaba sendo vista por um segundo sujeito e, a partir deste momento, ocorrem as trocas, apropriações e ações a partir do discurso inicial.

Ainda com relação a essa postagem, podemos observar mais uma vez o uso de signos universais para gerar reconhecimento. A imagem das urnas aciona diretamente o

imaginário sobre democracia, votos e eleições. Ao incluir também o elemento de uma arma apontada para a cabeça da pessoa que escolheu votar o número 17 nas urnas, o ator social cria uma situação em que os eleitores de Jair Bolsonaro são vistos como suicidas ou como aqueles que, ao votar, assinam sua sentença de morte, corroborando para a construção de uma figura de Bolsonaro enquanto genocida.

Além disso, ao lado do nome do autor desta postagem consta uma bandeira do arco-íris, símbolo da luta LGBTQIA+. Também há uma bandeira branca, que representa a paz, e uma bandeira vermelha, que por sua vez relembra a identidade visual do Partido dos Trabalhadores (PT). Com esses elementos, podemos perceber características do lugar de fala deste ator social, que inclui diversos elementos aos quais Bolsonaro se opõe.

Neste sentido, é interessante ver também o papel das *hashtags*. Elas não são apenas indexadoras para uma mobilização, mas são afirmativas imperativas sobre Bolsonaro. Ao citar o marco de um milhão de mortes, surge também uma operação discursiva a partir das próprias *hashtags*.

Por fim, mais uma vez, podemos perceber como as marcas que constroem os sentidos das postagens são trabalhadas a partir de vários elementos simbólicos, tanto imagéticos quanto discursivos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas aproximações teóricas e empíricas sobre os materiais coletados, é possível identificar diversas relações feitas pelos atores sociais a respeito de Jair Bolsonaro, relacionando-o principalmente como uma figura autoritária. Os discursos e imagens acionadas para gerar essas relações envolvem elementos e símbolos constituintes de um imaginário coletivo sobre regimes totalitários.

Por mais que esses signos e discursos sobre autoritarismo sejam atualizados conforme circulam, muitos traços e elementos deles se consolidam no imaginário coletivo. É possível dizer que esses imaginários não se esvaziam de sentido conforme circulam, tampouco que sejam fechados para novos signos. Pelo contrário, possibilitam que novas bagagens sejam agregadas com a circulação, trabalhando para a construção de imaginários ainda mais potentes.

As marcas deixadas por essas comparações a respeito do presidente do Brasil vão além de atributos físicos e acertam diretamente os traços autoritários de suas manifestações. Isso nos indica um movimento histórico, tanto do ponto de vista dos pronunciamentos feitos por Jair Bolsonaro quanto também do processo de comunicação envolvendo a reverberação dessas mesmas falas.

Diferentemente dos momentos anteriores em que o planeta viveu regimes totalitários, o presente nos envolve em uma sociedade em vias de midiaticização, na qual os atores sociais protagonizam intensos movimentos de resistência. Diante da pandemia causada pela Covid-19, os pronunciamentos do presidente se intensificaram e, conseqüentemente, as produções em rede também, corroborando para construir uma imagem de Jair Bolsonaro enquanto figura autoritária.

No entanto, vale questionar se os atores sociais são responsáveis por moldar esta imagem autoritária ou se eles recuperam esta imagem porque ela é aderente aos próprios discursos do presidente. Ou seja, podemos inferir que os discursos por ele proferidos mobilizam os atores que, por analogia, identificam as operações elaboradas por Bolsonaro e as tensionam como de fundo autoritário, referindo-se a situações antecessoras. Os discursos autoritários perduram no que Bolsonaro enuncia, e os atores se valem de seus espaços para retomar tais traços com vistas a uma contadiscurso.

REFERÊNCIAS

CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: **Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosário: UNR, 2010. Disponível em: <<https://cim.unr.edu.ar/publicaciones/1/libros/3/mediatizacion-sociedad-y-sentido-dialogos-entre-brasil-y-argentina#ver>>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ROSA, Ana Paula da. **Imagens em Proliferação: a circulação como espaço de valor**. Japaratina: anais do V Colóquio Semiótica das mídias – Centro Internacional de

Semiótica e Comunicação, 2016. Disponível em:
<http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm5/CSM5_AnaPaulaRosa.pdf>. Acesso em: 27 de abril de 2021.